

REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A PRÁTICA
DAS EDUCADORAS DA CRECHE.
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE HENRI WALLON

O tema desenvolvimento infantil foi um dos temas abordados no interior da pesquisa *A verticalização e a horizontalização do espaço da sala de atividades da educação infantil* que tem por objetivo desencadear a reflexão crítica e a ação colaborativa das educadoras no espaço da creche acerca das experiências infantis por elas orientadas, e o sentido que o pensar sobre essas experiências tem para o desenvolvimento infantil e para a (re)construção de sua ação na prática educativa. A pesquisa se identificou como interventiva crítico-colaborativa pelo fato de as reflexões se pautarem na idéia de que o objetivo é tornar os participantes conscientes e sujeitos na construção de seu discurso e de sua ação, procurando problematizar as ações cotidianas, repensar e ressignificar o familiar, em processo de colaboração entre educadoras e pesquisadoras. Semanalmente, estas se reuniam em espaços de tempo de aproximadamente duas horas, denominados sessões reflexivas, para discutir sobre a prática das educadoras, contando com o auxílio de vídeo - gravações de atividades com as crianças orientadas pelas próprias educadoras. É sobre as reflexões acerca do desenvolvimento infantil produzidas nesse espaço e com o auxílio da teoria de Henri Wallon que construí este texto.

Nestas sessões reflexivas realizadas na creche com as educadoras pude observar que insistentemente surgiam diálogos acerca do processo de desenvolvimento infantil e do conhecimento sobre o mesmo.

Foi principalmente durante as sessões reflexivas que as educadoras construíram e desconstruíram prévias idéias sobre como a criança de 0 a 3 anos se desenvolve. Elas notaram, nas discussões e reflexões coletivas, a importância de abordar tal tema, já que as crianças passam a maior parte do dia na creche e com as pessoas que ali trabalham.

Em relação a isso, as educadoras ressaltaram como seria importante que todos daquele ambiente pudessem fazer esse exercício de reflexão e discussão sobre o desenvolvimento infantil

crianças, incluindo as faxineiras, cozinheiras, que também possuem um momento com as crianças, após o almoço, quando estas descansam.

Durante as sessões reflexivas, uma das educadoras da creche e uma das pesquisadoras presentes no grupo fizeram as seguintes colocações:

Teresa: (...)essas reuniões estão fazendo a gente refletir mais sobre o nosso trabalho, então por isso está ficando mais fácil de ta colocando. Porque, a partir do momento que você pára para refletir o que você faz, as coisas mudam. Você começa a ver que sabe colocar, que você sabe o porquê, então fica mais fácil. Porque a gente faz, só que a gente não tem é esse tempo para parar, para poder refletir. Olha a importância de refletir! (sessão reflexiva nº 5 - 04/09/06).

Pesquisadora: Eu também penso nessa reflexão da prática, que é muito importante. A gente está vendo aí [no vídeo] e quantas vezes eu já fiz isso e faço, e nem sei o que se passa na cabeça das crianças, se elas estão gostando da atividade e se tem significado para elas. Porque, às vezes, para a gente tem um significado e para as crianças, outro, e aí, eu acho que é um crescimento pessoal e profissional também (sessão reflexiva nº 2 - 16/08/2006).

Este diálogo demonstra que educadora e pesquisadora estão cientes da extrema importância da reflexão coletiva sobre a prática educativa, visando ao conhecimento do desenvolvimento da criança.

Henri Wallon, o autor que nos ajuda no estudo do desenvolvimento infantil, propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento, considerando que não é possível extrair um único aspecto do ser humano, pois a pessoa é um todo que agrupa diversos campos. Este autor não tem uma preocupação em analisar somente questões sobre a inteligência ou a afetividade, mas sim a pessoa em conjunto, inteira, concreta e como ela se relaciona com o meio a cada momento de seu processo de desenvolvimento. Nesse sentido, o estudo de sua teoria se adequa às questões do desenvolvimento infantil na creche onde se realiza a pesquisa.

Wallon buscou compreender a criança, suas manifestações e a necessidade de se conhecer o contexto em que está inserida, a partir do sistema de relações que ela estabelece com seu meio. O contexto do desenvolvimento infantil é formado não apenas pelos aspectos físicos do espaço, mas também nas interações que se estabelecem entre as pessoas, na linguagem e nos conhecimentos próprios a cada cultura.

Neste estudo, o contexto e o espaço em que se estabelece o processo de desenvolvimento infantil é a creche, e as pessoas mais próximas são as educadoras, já que muitas dessas crianças passam a maior parte do dia na creche e na companhia das mesmas.

Em relação ao espaço físico da creche, uma das educadoras considera que:

Gláucia: quando tem espaço é lógico que própria a criança cria mais, tem oportunidade de criação, porque a gente sente isso ... elas brincam muito mais... (sessão reflexiva nº2 - 16/08/06).

Geralmente, tendemos a pensar que quanto maior for a criança, mais espaço ela precisará para se desenvolver. No entanto, notamos que a criança menor, de 0 a 3 anos, necessita de um espaço amplo e aberto para desenvolver e aprimorar suas potencialidades.

Isto pode ser confirmado na teoria walloniana, quando se definem os estágios de desenvolvimento. No estágio sensório-motor e projetivo, que vai geralmente do primeiro até os três anos de idade, é notável o interesse da criança para a exploração sensório-motora do mundo físico. O termo “projetivo” refere-se ao fato de o ato mental projetar-se em atos motores, ou seja, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar. Esse é um momento de maior reconhecimento espacial dos objetos pela criança, de si mesma e de maior diversidade de relações com o meio, havendo então a predominância cognitiva nesse estágio.

De acordo com Galvão (2004), “O movimento é a reação corporal aos estímulos exteriores que a criança adota através de posturas, de atitudes geradas por sensações experimentadas”(p.72).

Algumas das características próprias deste estágio de desenvolvimento são: a aquisição da marcha e da preensão, o que possibilita à criança uma maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços; e o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem, fator decisivo para o desenvolvimento psíquico da criança, pois permitirá outra forma de explorar o meio, ingressando no mundo das imagens e dos símbolos. A partir disso, notamos o quanto é importante e necessário a creche possuir um espaço preparado para um bom atendimento ao processo de desenvolvimento das crianças.

Em algumas sessões reflexivas, destacou-se a preocupação das educadoras em relação às atividades apropriadas a cada faixa etária. Em relação a isso, a educadora Gláucia fez a seguinte reflexão:

Gláucia: *Acho que eles são muito novinhos, até os nossos de três anos, são nenéns, tem o quê? 24 meses. Muito pouco, né? Então, às vezes, até a gente fica um pouco [admirada] vendo esses meninos pequenininhos, às vezes, a gente fala assim: "Nossa gente, olha como esse menino é pequenininho". E a gente fica perdida na atividade quando as turmas são misturadas [crianças de 2 e 3 anos] "Mas que atividade que eu vou dar para esses meninos juntos?" A gente tem que mudar todo o contexto da atividade de 3 anos porque tem os de 2 anos junto com a gente. Aí procura dar uma atividade e eles falam assim: "Tia, eu não quero fazer não!". Dois dias da semana passada eu disse: "Ai meu Deus, e agora? Meu planejamento tava feito, né... " Tia eu não quero, eu não quero fazer!" (sessão reflexiva nº 9 – 09/10/06)*

As crianças de 2 e de 3 anos interagem de forma diferenciada no contexto em que estão inseridas, dependendo de qual aspecto do mesmo elas estão mais voltadas. A este respeito a pesquisadora comenta:

Pesquisadora: *...Então a gente tem que observar mesmo o desenvolvimento da criança. O que ela nessa faixa etária tá pedindo... (sessão reflexiva nº 9 - 09/10/06)*

Nesse sentido, de acordo com Galvão (2004), pode-se dizer que “conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento” (p. 39). Daí a importância de possibilitar às crianças espaços lúdicos onde possam se expressar, se movimentar e criar. Entretanto, percebo no comentário da educadora Gláucia que foi relatado mais acima e que se refere ao fato de as crianças de 2 anos terem ficado com ela, que orienta a turma de 3 anos, que ela tem dúvidas quanto às experiências que devem ser oferecidas às crianças “*Nossa gente, olha como esse menino é pequenininho. E a gente fica perdida na atividade que vai ser dada quando as turmas são misturadas*” [crianças de 2 e 3 anos]. É possível que o oferecimento de espaços que impulsionem o desenvolvimento integral, da pessoa, a que se refere Wallon, deixe a desejar por desconhecimento de sua importância. Ao mesmo tempo, percebo um movimento de reflexão sobre isto quando a mesma educadora reconhece “*Acho que eles são muito novinhos, até os nossos de três anos, são nenéns, tem o quê? 24 meses.*” Portanto, considero que o espaço das sessões reflexivas propiciou um avanço no processo de reflexão sobre a ação das educadoras com as crianças. As atividades que planejavam para as crianças se assemelhavam muito àquelas

desenvolvidas com crianças maiores, fazendo-me reconhecer em algumas delas o modelo do ensino fundamental.

As professoras questionaram suas atitudes em outras sessões reflexivas ao se colocarem no lugar das crianças, refletindo como se sentiriam em determinadas situações em que estas se encontravam. Um dos momentos em que isso aconteceu foi na última sessão reflexiva:

Gláucia: Pois é, até nós quando vamos a uma reunião que temos que ficar sentadas a gente fica incomodada, aí vocês imaginem uma criança (sessão reflexiva nº 12 – 22/11/06).

Quando as educadoras desenvolvem o sentimento de empatia – se colocar no lugar do *outro* – e refletem sobre isso, percebem o quanto é importante estar oferecendo experiências significativas às crianças, atendendo aos seus interesses e necessidades.

A clássica idéia de que a criança deve estar sentada e quieta para se concentrar e aprender pode até resultar em dinâmicas conflituosas, pois aumenta a necessidade da criança de se dispersar e praticar sua impulsividade, “já que o cansaço provocado flexibiliza ainda mais o domínio das crianças sobre sua atenção e suas reações motoras” (GALVÃO, 2004, p. 109).

Atitudes como essas, por parte das crianças, podem dar pistas às educadoras de que a creche deve estar atenta às suas práticas de cuidado e educação, buscando alternativas que visem ao desenvolvimento da criança, da pessoa completa, conforme se refere Wallon.

Uma boa alternativa seria permitir que elas estivessem livres em determinados momentos para escolher a posição que julgam melhor para realizar atividades em que esta prática seja possível, como por exemplo, a modelagem, a construção com blocos, a pintura, etc., sem que para isso estejam obrigatoriamente sentadas nas cadeiras, realizando tais atividades na superfície da mesa.

Analisando ainda a importância de experiências que tenham significado para a criança pequena, vejamos o episódio a seguir:

Leila: Bem, primeiro eu fiz duas atividades em conjunto, a primeira foi a atividade das carinhas, eu fiz essas duas atividades trabalhando a afetividade, ... não que eles estivessem brigando. Foi pra interagir com a semana da criança, porque a gente já tá com o projeto; aí eu fiz as duas atividades em conjunto pra isso. A das carinhas pra poder cada um mostrar como é que tava se sentindo, pra eles verem as expressões, como eu falei ... ali cada um é diferente. Cada momento você tá com um tipo de emoção. E a atividade do “beijo, abraço e aperto de mão” pra intercalar

com a atividade anterior pra poder mostrar que é bom fazer carinho nos colegas, não é bom ficar batendo, aí eu fiz pra isso, as duas atividades (sessão reflexiva nº11 – 06/11/06).

Segundo a educadora, ela não realizou esta atividade pelo fato das crianças estarem brigando muito em sua turma, mas por considerar importante trabalhar a afetividade no cotidiano da creche. De acordo com ela, os principais objetivos eram:

Leila: Nomear os sentimentos, expressar como é que tava se sentindo e fazer carinho, trabalhar a afetividade mesmo, fazer um carinho no outro, é... abraçar, apertar a mão, dar um beijo. Como é importante você dar uma palavra de conforto, dar um conforto pro colega, pra qualquer pessoa (sessão reflexiva nº11 - 06/11/06).

Na minha compreensão esta experiência seria bastante rica em significado se tivesse sido trabalhada com as crianças na ocorrência de uma situação de conflito entre elas.

Segundo Henri Wallon, a faixa etária de 3 anos na qual a educadora realizou a atividade, compreende o estágio personalista do desenvolvimento, que é marcado principalmente pela expressão do *eu* para a constituição e formação da personalidade da criança enquanto ser único e diferenciado. Isso significa expressar-se, organizar suas estruturas e colocar-se em confronto com o *outro*. Esta é uma característica essencial que constitui a formação da personalidade infantil: a distinção entre o *eu* e o *outro*, que só é feita progressivamente através das interações sociais e tem culminância no estágio personalista.

De acordo com essa teoria, essas interações sociais vão sendo construídas, o que é possível perceber observando a criança recém-nascida, que ainda não se percebe como sujeito diferenciado, permanecendo num estado de simbiose afetiva com o meio, como se estivesse misturado à sensibilidade do ambiente, manifestando em suas reações as do meio em que está inserido. Assim, enquanto a criança ainda não se percebe como ser diferenciado, encontra-se dispersa, fundida ao outro, principalmente à mãe, aderida às situações e circunstâncias.

Portanto, o processo de socialização é de crescente individualização. Esse processo se dá continuamente pela construção do *eu* corporal e do *eu* psíquico. O recém-nascido não se diferencia nem mesmo no plano corporal, o que podemos notar quando, por exemplo, ele morde o próprio braço ou se arranha, pois ainda não consegue diferenciar o próprio corpo das outras superfícies que tem contato em seu meio. Aos poucos, ele vai experimentando seus movimentos e

sensações de prazer, de dor, de satisfação ou insatisfação, distinguindo o que pertence ao seu próprio corpo e às outras coisas, construindo o *eu* corporal.

A partir daí, com o exercício da oposição ao *outro*, junto aos progressos cognitivos, como a função simbólica, há uma redução no sincretismo da personalidade, ou seja, a criança deixa de confundir sua própria existência com o que está ligado a ela, ganhando maior autonomia em suas escolhas, exigindo autenticidade em suas ações.

A construção do *eu* corporal é essencial para a construção do *eu* psíquico, central no estágio personalista, em que a criança passa a ter sua própria perspectiva, adotando seu próprio ponto de vista. Nesta fase há freqüentes conflitos interpessoais, pela necessidade de se demonstrar como diferente, de se diferenciar do *outro*, pela chamada crise de oposição.

Depois que este primeiro salto na formação do *eu* está garantido, ocorrem mais processos de formação no estágio personalista. Galvão (2004) os apresenta em dois momentos: o primeiro como etapa de sedução, conhecido como "a idade da graça", em que a criança exhibe seus movimentos para obter admiração do outro aprendendo assim a admirar-se também.

No segundo momento, há a atividade de imitação, em que a criança imita as pessoas que lhe atraem, suas atitudes e também o papel social que desempenham. Isto pode ser analisado como sendo uma tentativa de reaproximação com o *outro*, que antes havia sido sistematicamente negado, ou um desejo de substituição do *outro*, mostrando que também é capaz de fazer.

Em relação à etapa de imitação, durante a mesma atividade proposta pela educadora Leila, houve a necessidade de imitação por parte das crianças. Quando foi indagada, a educadora demonstrou desconhecer a razão disso:

Leila: Eu acho que foi meio preguiça [da criança] de falar uma coisa diferente. Sei lá, não pensou em coisas diferentes, eu acho que o que o primeiro falou, os outros foram falando. (...) Porque tudo pra eles era porque "a mamãe não tava aqui". E eu falei: "Não é só isso, né... tem outras coisas..." (sessão reflexiva nº 11 - 06/11/06).

Nessa idade, a criança também almeja a propriedade de objetos que lhe interessam, às vezes colocando até seu próprio nome neles para mostrar que lhe pertence. Quando ainda muito pequena, a criança costuma referir a si própria na terceira pessoa do singular, começando depois a utilizar fervorosamente os pronomes pessoais na primeira pessoa (eu, mim), para mostrar a

afirmação dela enquanto pessoa. O pronome possessivo (meu) também é freqüentemente usado para fixar nos objetos seu desejo de obtê-los.

Assim, a criança “entra num período em que sua necessidade de afirmar, de conquistar sua autonomia vai lhe causar, em primeiro lugar, uma série de conflitos” (WALLON, 1995, p. 217).

Sendo presentes no cotidiano da creche, os conflitos muitas vezes são vistos como geradores de dificuldades em lidar com as crianças, possuindo um caráter negativo e nocivo a elas e às educadoras, que tentam muitas vezes testar diferentes formas de preveni-los e evitar com que estes aconteçam. Em relação aos conflitos que acontecem normalmente no cotidiano da creche, uma das educadoras relata um fato sobre os mesmos:

Tânia: ...Porque a desculpa dói muito... eles tem muita dificuldade de pedir desculpa, aí ele ficou olhando, ficou olhando e, baixinho, [pediu] desculpa (sessão reflexiva nº 8 – 02/10/06).

Da mesma forma, outra educadora expõe a seguinte fala:

Leila: É tem uma coisa que a gente faz, quando um briga com o outro a gente pede: “Pede desculpa pro coleguinha e faz um carinho nele até parar de chorar”. Aí eles ficam assim [passa a mão na cabeça da outra educadora] apavorados: “Pára de chorar, desculpa, ô tia ele tá parando” (sessão reflexiva nº11 - 06/11/06).

Ambas as educadoras vêem os conflitos como algo a ser evitado, preocupando-se inclusive em abordá-lo com as crianças em uma situação que se mostrou desinteressante para elas, o que pode observar ao assistir a videogravação da mesma.

Wallon vê os conflitos como os propulsores do desenvolvimento, já que é através deles, principalmente, que as crianças vão se constituindo enquanto ser diferenciado do *outro* no mundo.

Na sucessão de conflitos interpessoais que marca principalmente o estágio personalista, a "expulsão" (quando rejeita o *outro*) e a "incorporação" (quando imita o *outro*) se complementam num processo de formação da personalidade.

Portanto, quanto maior a diversidade de grupos de que a criança participa, melhor será seu parâmetro sobre as relações sociais, o que enriquece a formação de sua personalidade.

Segundo Mahoney:

Cada criança vai desenvolvendo papéis nos grupos de que participa. Por meio deles estará aprendendo sobre si própria, sobre suas possibilidades e sobre seu lugar no mundo. Observador de que papéis a criança está desempenhando, o professor conhecerá e aprenderá mais sobre a criança, o que pode contribuir para que se desenvolva mais e melhor sobre suas potencialidades. (2004, p. 24).

É preciso ressaltar que os conflitos interpessoais sempre estarão presentes no espaço em que a criança pode agir livremente e se expressar.

Dessa forma, em uma escola ou creche em que as interações sociais são favorecidas com oportunidades para se realizarem, como por exemplo, quando as crianças tomam decisões, assumem responsabilidades cabíveis a elas, fazem escolhas segundo seus interesses e realizam atividades diversificadas que propiciem isto, haverá um maior número de situações de dinâmicas conflituais em relação à escola tradicional, em que os alunos interagem pouco uns com os outros, ficam a maior parte do tempo sentados, em silêncio e obedecendo às ordens da professora sem questionar.

Assim, em uma instituição de Educação Infantil que busque a formação integral das crianças, ou seja, a formação completa da pessoa, em seus diversos campos – motor, afetivo, cognitivo – os conflitos fazem parte das relações humanas, podendo se tornar oportunidades para se trabalhar valores, regras e respeito às diferenças, ao invés de serem encarados como ocorrências não naturais e atípicas do cotidiano da escola.

Finalizo este texto chamando a atenção para a importância da reflexão crítica e em colaboração com pesquisadores externos que as educadoras da creche em estudo fizeram durante as sessões reflexivas, demonstrando seus conhecimentos acerca do processo de desenvolvimento infantil e também a necessidade de estar buscando de forma coletiva um maior conhecimento acerca do mesmo.

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 13ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. *Cenas do cotidiano escolar: Conflitos sim, violência não*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *A Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

WALLON, Henri. *Psicologia e Educação da Infância*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.